

Lydia Hortélio e Educação Musical: o brincar para as aulas de música na educação infantil

Comunicação

Gabriela Teixeira Rabelo
Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo: A Cultura da Criança e a Música Tradicional da infância são temáticas da pesquisa etnomusicológica de Lydia Hortélio, iniciada nos anos de 1960 na Bahia. A pesquisadora catalogou mais de 600 brincadeiras, entre parlendas, brincadeiras cantadas, brincadeiras com rimas, cantigas de roda, e muitas outras. Durante minha pesquisa de pós-graduação, aprofundei-me nas concepções de Hortélio relativas à Educação Musical, à Infância e à Sociedade, através de transcrições de palestras e formações realizadas pela educadora. Enquanto educadora musical, também busquei levar este repertório aos alunos da educação infantil de uma escola regular de Belo Horizonte, percebendo a resistência desta cultura através de sua transmissão entre gerações e suas possibilidades para as aulas de música.

Palavras-chave: Lydia Hortélio; Educação Musical; Cultura da Criança.

Introdução

A música está presente das mais variadas formas no cotidiano das crianças. A partir do momento em que se inicia a vida, os bebês já se relacionam com as possibilidades sonoras que os rodeiam, sendo que as vivências musicais, por vezes, iniciam-se intuitivamente, de modo espontâneo (Brito, 2003). A partir de acalantos, cantigas de roda, parlendas, e jogos com a música, as crianças iniciam suas vivências e experimentam a musicalidade de diversas formas. Para Brito (2003, p. 35), “a criança é um ser ‘brincante’, e, brincando, faz música, pois assim se relaciona com o mundo que descobre a cada dia.”

A Educação Musical na infância pode vir como uma mediação para estas experiências, e, a partir disso, vale a percepção sobre os significados que ela poderá carregar. Para Queiroz (2017, p. 166), a música é “expressão intrínseca ao seu humano”, e a Educação Musical surgirá a partir da necessidade das pessoas, uma vez que elas também estarão relacionadas à ideia de transmissão de saberes. Esta transmissão citada por Queiroz pode estar diretamente ligada ao repertório musical infantil que faz parte da iniciação musical humana, que tem sido pesquisado, catalogado e resguardado por pesquisadores e etnomusicólogos. No Brasil, a

figura de Lydia Hortélio tem este reconhecimento, uma vez que a educadora e pianista possui uma vasta pesquisa acerca da Cultura da Criança e da Música Tradicional da Infância no país.

A Cultura Tradicional da Infância é todo o universo de brinquedos e brincadeiras que vêm se perpetuando ao longo de séculos, passando de uma geração a outra, proporcionando convívio e interação entre as crianças. É ao mesmo tempo tradicional, popular e contemporânea, pois sofre transformações se adequando a cada novo tempo, sem perder a essência. Incrivelmente ampla, abrange acalantos, brincos; histórias; adivinhas, trava-línguas, quadrinhas, fórmulas de escolha; rodas; amarelinhas, jogos, pegadores; brincadeiras com bola, corda, elástico, mão, pedra e o objeto brinquedo (SILVA, 2006, p. 146).

Esta temática foi objeto de pesquisa de Lydia a partir da década de 1960. A pesquisadora nasceu no ano de 1932 na Bahia, passou sua infância em Serrinha- BA, estudou piano e nos anos de 1960 mudou-se para a Europa, onde aproximou-se da etnomusicologia. Ao regressar para seu país, iniciou a catalogação de brincadeiras e cantigas infantis, que hoje contam num total de mais de 600 “brinquedos” em seu acervo, contando com acalantos, cantigas, jogos, parlendas, rimas, entre outros. Além de seu rico acervo, de gravações musicais e de CDs, Lydia Hortélio também desenvolveu diversas concepções sobre educação musical e infância na sociedade brasileira.

Para Queiroz (2017), “a educação musical é um fenômeno cultural” (p. 165), uma vez que, para a existência de culturas, a sua transmissão é fundamental. Fazendo um paralelo destas ideias com a pesquisa etnomusicológica de Lydia Hortélio, vê-se que o repertório da cultura infantil, transmitido de forma geracional, é o que possibilitará a permanência da Música Tradicional da Infância. Além disso, para além da ideia das brincadeiras e cantigas das crianças, as concepções de Lydia Hortélio, e suas visões e pensamentos filosóficos, também fazem parte de se pensar no fenômeno cultural da educação musical.

Ao longo de minha pesquisa de mestrado, aprofundi-me na pesquisa de Hortélio, passando por suas teorias sobre a música na infância. Lydia, ao longo de seu trabalho, buscou reconhecer o lugar da criança na sociedade brasileira, notando primordialmente o modo com que o adulto interpreta e lida com as crianças. O espaço escolar é uma das temáticas abordadas pela etnomusicóloga, que busca perceber como este ambiente influencia as práticas do brincar para a infância. Para isso, meu trabalho acadêmico buscou inicialmente compreender a obra de Lydia Hortélio, seu acervo e suas catalogações, quais brinquedos foram pesquisados e transcritos por ela, como ela desenvolveu sua metodologia, suas

influências e aspirações. Compreender sua biografia também foi de suma importância, pois, assim, conseguimos relacionar suas vivências às suas concepções e filosofias para a educação musical. Relacionando Queiroz (2017) aos pensamentos de Lydia Hortélio, pode-se perceber que a ideia da construção de culturas atrelada à sua transmissão é a base para compreensão da Cultura da Criança. O autor delimita a cultura:

Como o conjunto de conceitos, conhecimentos, comportamentos e habilidades aprendidos pelos humanos. Essa aprendizagem se dá a partir da [...] transmissão de saberes no âmbito de cada sociedade. Assim, a transmissão cultural é um elemento fundamental para a existência da cultura (QUEIROZ, 2017, p. 173).

Minha pesquisa de mestrado nasceu da necessidade de possibilitar aos meus alunos da Educação Infantil o convívio com a música, com as brincadeiras, e experimentar a infância através do olhar de Lydia Hortélio. A partir disso, este trabalho irá abordar as concepções desta pesquisadora e os meus resultados ao levar a Cultura da Criança e a Música tradicional da Infância para uma turma da educação infantil do ensino regular no ano de 2022. Para isto, serão relacionados os conceitos da etnomusicóloga, suas brincadeiras catalogadas, e as vivências práticas deste repertório para crianças na atualidade.

A pesquisa etnomusicológica de Lydia Hortélio

Quando regressou para o Brasil na década de 1960, Lydia Hortélio inicia sua pesquisa acerca da Cultura da Criança e da Música Tradicional da Infância. Teve como apoio fundamental suas “mestras” e “mestres”, moradores da zona rural, os quais através da transmissão cultural, eram os detentores de saberes da infância. Para Queiroz (2017), “a transmissão de saberes musicais [...] não se limita às fronteiras de uma instituição” (p. 182), mas, “se estabelece [...] nas múltiplas formas de expressão e representação social” (p. 182). Através destes “mestres”, Hortélio catalogou mais de 600 brincadeiras infantis.

Sua metodologia de pesquisa compreende as seguintes questões: “quem, onde e quando” – e, também, o “como se brinca”. O *quem* refere-se à pessoa que compartilhou o brincar, o *onde* refere-se ao local em que determinado brinco foi encontrado, e o *quando* refere-se ao período do século XX em que foi catalogado, uma vez que a pesquisadora dividiu este século em quatro partes, de 25 em 25 anos. A partir da catalogação das brincadeiras, a



pesquisadora subdividiu-as entre *sonoras* e *silentes*. As *sonoras* referem-se ao brincar cantado ou ritmado, como brincadeiras cantadas, parlendas, rimas, cantigas de roda, acalantos. Desta forma, “quando a melodia é o corpo (da) cantiga. (...) É a música, é a voz cantada” (HORTÉLIO, 2019). Já as *silentes* são aquelas em que o gesto sonoro irá reinar, não haverá palavras, e o movimento será a sua maior característica. Contudo, Hortélio atualmente diz que “nos brinquedos silentes [vem] descobrindo que tem um som que a gente não ouve. [...] Você sente no corpo, e ele te leva” (HORTÉLIO, 2021).

Dentre as concepções sobre educação musical e infância de Lydia Hortélio para o Brasil, a pesquisadora traz dois conceitos fundamentais para a compreensão de sua pesquisa. O primeiro destes conceitos é a ideia relacionada ao “*saber menino*”. Para Hortélio, “a gente não tem estudos suficientes sobre a Cultura da Criança. Não aquela que os adultos, os cientistas da educação pensam sobre a criança, que deixaram de ser criança há muito tempo e só funciona aqui na cabeça [...] A criança é no corpo” (HORTÉLIO, 2018). Para a autora:

Não se sabe a criança. Não pense que vocês sabem a criança [...]. Vocês não sabem a criança, quem estuda psicologia do movimento, do desenvolvimento, e todas as outras teorias posteriores. A gente não olhou a criança ainda, ela como é, ou procurou se lembrar no coração da gente, o que a gente esperava quando ia pra escola e que não via... (HORTÉLIO, 2018).

O questionamento de Lydia acerca do que a criança espera ao ir para a escola, e não vê, foi um dos pontapés iniciais para o meu trabalho de campo. Ao relacionar os pensamentos de Hortélio sobre como lidamos com a criança no espaço escolar, principalmente, suas problematizações, guiaram a construção dos meus planejamentos para o momento em que eu levasse o repertório da Cultura da Criança para este ambiente. A partir disso, pude perceber que este trabalho não trataria apenas de levar estes brincos aos meninos e meninas, mas, também, de que o brincar e a criança, em sua inteireza, seriam os pontos principais da pesquisa.

Além de “*saber menino*”, o segundo conceito abordado pela etnomusicóloga é a ideia de que “*o Brasil é vário*”, que foi de grande importância para este trabalho. Para ela, “a vida é uma festa, e no Brasil se ensina isso. É que a gente deixou de conviver com a zona rural, onde está o Brasil coberto [...] e que os governantes nem desconfiam do que é” (HORTÉLIO, 2016). Muitas das cantigas e brincadeiras catalogadas por Lydia vieram da zona rural, e, para ela, “toda vez que eu [vai] à zona rural, é lá que eu [tem seus] grandes mestres. Não só, mas lá

certamente” (HORTÉLIO, 2017). Para Hortélio, na zona rural, “a música acompanha todos os gestos da vida daquela população”. Eles vão trabalhar cantando, quando eles oram, eles cantam, se eles vão brincar, cantam” (HORTÉLIO, 2019).

Unindo as ideias relacionadas a “*saber menino*” e ao “*Brasil vário*”, que regem sua concepção de infância e educação, Lydia relaciona a tríade “*criança, cultura e natureza*” (Hortélio, 2019), que explicita algumas problematizações referentes ao espaço ocupado pelas crianças atualmente em cidades grandes, nas quais pouco se tem acesso ao chão de terra, às árvores, à natureza, e, ainda, aborda sobre como o espaço escolar precisa ser repensado atualmente, para que seja acolhedor às verdadeiras necessidades da infância. Todos esses quesitos foram estudados para a construção de meu trabalho de campo, pensando principalmente em como as concepções de Hortélio seriam a base para a construção de minha pesquisa.

O trabalho de campo

O trabalho desenvolvido ao longo de minha pesquisa foi iniciado a partir de uma pesquisa bibliográfica aprofundada em relação às concepções de Hortélio. A pesquisadora possui poucas publicações acadêmicas, contudo, participou de inúmeras formações e palestras, que estão disponibilizadas em plataformas digitais, como o YouTube, e, assim, realizei algumas transcrições que foram essenciais para a compreensão do pensar de Lydia.

Dentre as palestras transcritas, temos “Lydia Hortélio no Seminário Nacional Educação Integral das Infâncias”, “Conversa Musical com Lydia Hortélio” e “Lydia Hortélio no Sesc Palladium”. Ambas as transcrições estão presentes em minha dissertação, nos anexos do trabalho escrito.

A partir das concepções da etnomusicóloga, construí o planejamento para o trabalho de campo, que baseou-se em não somente levar o repertório do acervo de Lydia, da Cultura da Criança, aos meus alunos, mas, também, reconhecer o que as próprias crianças viviam em seu cotidiano enquanto brincavam. Para isto, a percepção sobre o que seria a brincadeira naquele espaço foi fundamental. Compreender que o brincar ali seria colocado apenas com a função de se brincar é algo que muitas vezes bate de frente com o que as escolas buscam, uma vez que, frequentemente, fazem a sua pedagogização. Para Beineke (2011), a tentativa

de se colocar a brincadeira para adquirir conteúdo acaba sendo uma “forma reducionista” (p. 24) de ensino, no qual ela irá perder “seu caráter de experiência significativa, sendo reduzida a atividades dirigidas” (Beineke, 2011, p. 24).

Beineke (2008, p.2) analisa que as brincadeiras pedagógicas – “aquelas que valorizam a escolarização, como a alfabetização, jogos matemáticos ou de memória” - são usadas para “tornar as aprendizagens mais agradáveis para as crianças, como se a aprendizagem, por si só, não pudesse ser uma atividade prazerosa”. Nesta ideia está implícita a brincadeira livre como recreação que acontece nos horários e espaços considerados livres ou externos ao currículo escolar, como nos recreios escolares ou horários anteriores ao início das aulas ou no término do turno escolar (LOPES; CAMPOS, p. 2008).

O trabalho de campo foi realizado com uma turma de crianças com 3 e 4 anos, da educação infantil, de uma escola particular da região de Belo Horizonte. Levar o brincar para a sala de aula tinha o intuito de trazer às crianças a experiência da brincadeira, e a nossa maior intencionalidade era o de criar um momento prazeroso de interação, sociabilidade e diversão. Previamente foram feitas anotações a respeito de minhas percepções sobre o ambiente escolar, as práticas de ensino e os modos de convívio entre professores e alunos.

As crianças tinham pouco ou nenhum contato com a natureza, mesmo a escola tendo um enorme espaço, a área da educação infantil era separada, e a grama na qual as crianças tinham contato era sintética. Os momentos de brincar dos alunos eram sempre relacionados ao manuseio de brinquedos da brinquedoteca, com cozinhas, carrinhos, bonecos, e centenas de peças pequenas que faziam alusão a objetos de casa (painéis, eletrodomésticos, etc). Quando as crianças estavam na sala de aula, podiam brincar (novamente com brinquedos físicos), porém, por vezes, deveriam permanecer sentadas em suas mesas individuais, apesar de se tratar de uma turma da educação infantil. Ao final do dia, os alunos podiam dirigir-se ao parquinho com as professoras regentes, mas, novamente, as brincadeiras resumiam-se à utilização de brinquedos físicos, como o *playground* da escola.

Após esta análise inicial, percebi que seria fundamental levar as crianças para a área da escola na qual havia árvores, contudo, como a coordenação teve um retorno tardio a respeito da possibilidade de realizar este trabalho de campo, não tive a oportunidade de levar os alunos para uma área grande com natureza. Os dias da realização dos planejamentos foram



chuvosos, então permanecemos em uma sala vazia da educação infantil onde fazíamos as aulas de música.

O trabalho de campo foi dividido entre os momentos de “brincadeiras livres” e de “brincadeiras sugeridas”. A rotina comum de nossas aulas foi seguida, na qual iniciamos com nossa canção de acolhida, porém, nestes dias, ao invés de nos direcionarmos às nossas práticas comuns das aulas de música, foi aberto o espaço para uma roda de conversa com as crianças, na qual conversamos sobre nossas brincadeiras favoritas. As respostas dos alunos foram: corrida, pique-pega, pique-parede, esconde-esconde, brincar de arco e flecha, carrinho e boneca. Nenhuma criança citou brincadeiras que envolvessem algum repertório musical, porém, as brincadeiras envolviam na maioria das vezes muito movimento. Após esta conversa inicial, elas poderiam brincar daquilo que mais quisessem. Inicialmente, ficaram um pouco receosos quanto a isso de simplesmente brincar do que quisessem durante a aula, pois, naquele espaço, não tinham o costume e nem a permissão de realizarem brincadeiras com muito movimento corporal, como correr ou pular. Contudo, com o tempo, foram se soltando, e brincaram daquilo que queriam. Esta turma possui apenas oito alunos, e a maioria deles entraram na escola no segundo semestre, pois eram crianças que eram bebês durante a pandemia. A socialização é um tema central para a adaptação delas neste ambiente. Ao final do primeiro dia, os relatos das crianças foram positivos, disseram que adoraram brincar, e, inclusive, se poderiam repetir a experiência mais vezes.

No segundo dia de experimento, as vivências com o brincar teriam uma maior interferência minha, pois, desta vez, o intuito seria de apresentar brincadeiras do repertório da Cultura da Criança e da Música Tradicional da Infância. Iniciamos com nossa canção de acolhida, e, rapidamente, as crianças perguntaram se poderiam brincar novamente, como fizeram em nossa última aula. Os mesmos alunos que se mostraram inseguros naquele primeiro dia, em dúvida se realmente poderiam brincar de pique e esconde-esconde, desta vez, já se apressaram para repetir a experiência. Após este momento, convidei-os a formar uma roda, e decidi que seria interessante apresentar a figura de Lydia Hortélio aos meninos e meninas, o que positivamente causou uma aproximação deles com a temática. Para falar sobre Lydia, iniciei abordando a temática com o formato de contação de histórias, e narrei parte da vida da pianista e educadora, deixando em evidência o quanto o brincar sempre foi algo primordial em sua vida. Durante a narrativa, contei que Lydia nasceu há muitos anos atrás na Bahia, e, que através de sua Tia Alice, conheceu diversas brincadeiras, que, neste dia, seriam compartilhadas conosco.

Eu tirei da minha tia Alice 132 cantigas dos brinquedos. Ela nasceu em 1906, e fiz um disco quando ela fez 95 anos: “Ô Bela Alice”. E, agora, fazem uns cem anos depois de tia Alice... É outro aspecto que eu vou entrar, que é como a música vai mudando, a vida vai correndo (HORTÉLIO, 2019).

Expliquei aos alunos que nossa personagem atualmente tinha aproximadamente a idade de nossos avós, o que trouxe várias indagações: “a pele dela tem feridas como a de minha avó?”, outros alunos contaram que já perderam o vovô, ou que não tinham tanta aproximação com estes familiares. Com isto, os alunos perceberam que muitas das brincadeiras que iriam conhecer naquele dia, provavelmente fizeram parte do cotidiano infantil de seus antepassados, gerando uma curiosidade e engajamento com o tema. A partir disso, direcionamos ao repertório do brincar, que seria explorado em seguida.

O repertório cantado está presente em maior escala nos acalantos, brincos, brincadeiras de roda e de movimentação específica. Também podem ser encontrados nas fórmulas de escolha e brincadeiras de mão, embora esses dois grupos tenham predominância do repertório ritmado. Quanto à organização no espaço, à forma e distribuição dos papéis, estas brincadeiras acontecem em roda, fila, túnel, aos pares, em diálogo, solos, grupos grandes, pequenos grupos, com as mãos, os pés etc. Diferenciam-se ainda segundo o gesto, a movimentação e formam grupos menores classificados de acordo (SILVA, 2016, p. 80).

Ao longo de meu planejamento, havia previamente selecionado as brincadeiras que fariam parte desta experiência, que foram: *Abre a Roda Tindolelê*, *Camaleão*, *Bambu Tirabu* e *Ana Maria Ficou de Catapora*, sendo que cada uma delas faz parte do acervo de Lydia Hortélio. Enquanto brincávamos, os alunos participaram, se divertiram, e, muitas vezes, era até difícil partir para a próxima cantiga, pois queriam permanecer com a anterior. Os desejos das crianças foram respeitados, principalmente porque naquele momento o intuito principal era o de experimentar o brincar. *Abre a roda Tindolelê* é uma brincadeira que consiste em fazer com que os alunos repitam movimentos corporais, ritmos ou sonoridades, de acordo com o que é solicitado. Já *Camaleão* consiste em formarmos o corpo deste animal, primeiramente passando por baixo da perna do colega, e formando um tipo de caracol. *Bambu Tirabu* é feito através de uma roda, que consiste em deixar cada participante de costas, sem soltar as mãos do colega. Esta brincadeira, por vezes, pode ser complicada para crianças menores, contudo, conseguiram realizar os movimentos, e, ainda, apoiaram os amigos que estavam com mais dificuldade. *Ana Maria Ficou de Catapora* consiste em pularmos durante a música, e, ao seu

final, devemos manter as pernas cruzadas. Cada brincadeira foi apreciada e vivida com fervor entre as crianças.

Considerações Finais

Durante o processo de minha pesquisa, foi fundamental o mergulho nas concepções sobre educação musical de Lydia Hortélio, absorvendo cada pensamento e fala que a educadora nos propõe. Desta forma, ao levar o repertório da Cultura da Criança para a sala de aula, eu busquei experimentar o brincar através do olhar das próprias crianças. As vivências foram feitas de forma com que cada aluno também sugerisse o que poderíamos realizar, uma vez que cada menino e menina era a parte central daquele momento na sala de aula, bem como o brincar em si.

Com isso, percebo que a música nas escolas pode ser uma possibilitadora para a aproximação da Música Tradicional da Infância, assim como este repertório é um possibilitador para vivência com a educação musical. De acordo com Silva (2023), “enquanto educadora musical, os meus alunos lêem partitura, mas a educação musical dos meus alunos é a melhor e a mais divertida do planeta. Eles leem aquilo que eles vivem”.

Eu fui vendo: que música é essa? Porque quando você olha a música do Brasil e quando você olha uma música da infância, você vê todos os ritmos, todos os gêneros da música Brasileira, então é uma educação de Brasil. Ao mesmo tempo, dialoga de uma forma muito natural com a infância, sem agredir, sem impor. Então, eu acho que a Lydia me mostrou como fazer uma educação musical Brasileira, pautada no que é nosso, e que, ao mesmo tempo, possibilita esse conhecimento da nossa cultura em diversas formas (SILVA, 2023).

A partir desta experiência em minha pesquisa de pós-graduação, e da aproximação com Lydia Hortélio, falar sobre Cultura da Criança é uma forma de permanecer vivo este repertório que vem sendo transmitido por várias gerações. De acordo com QUEIROZ (2017): “a consciência de que a educação musical é um fenômeno da cultura, permite inferir que há [...] uma série de determinismos sociais que [...] têm um importante papel na definição da educação musical que cada um de nós pensa, concebe, estuda e pratica” (p. 186). Lydia Hortélio ao falar sobre a Cultura da Criança, fala também sobre toda a sociedade que molda e possibilita a existência desta cultura. Desta forma, suas concepções, sua pesquisa, e suas

filosofias demonstram um caminho repleto de riquezas para se pensar na música para a infância.

Referências

BEINEKE, Viviane. Música, jogo e poesia na educação musical escolar. Música na Educação Básica. Porto Alegre, v. 3, n. 3, setembro de 2011.

BRITO, Teca Alencar de. Música na Educação Infantil: propostas para a formação integral da criança. 2ª ed. São Paulo: Peiropólis, 2003.

LYDIA HORTÉLIO E A CULTURA DA CRIANÇA: Brincadeiras e Canções Infantis como Patrimônio Imaterial. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UPH4MVYWuvo&ab_channel=InstitutoEstudosAvancadosdaUSP>. Acesso em: 20 de jun 2023.

LYDIA HORTÉLIO E MÚSICA TRADICIONAL DA INFÂNCIA. Transcrição da palestra Lydia Hortélio e Música Tradicional da Infância, Sesc Palladium, disponibilizada por Lúcia Campos, 2018. Acesso em: 15 jun 2023.

LYDIA HORTÉLIO NO SEMINÁRIO NACIONAL: Educação Integral nas Infâncias. Avante – Educação e Mobilização Social. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VK0_I9zJ-dY&ab_channel=Avante-Educa%C3%A7%C3%A3oMobiliza%C3%A7%C3%A3oSocial>. Acesso em: 14 jun 2023.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. “Educação musical é cultura: nuances para interpretar e (re)pensar a práxis educativo-musical no século XXI”. Debates, n.18, 2017, p.163-191. Disponível em: <<http://www.seer.unirio.br/index.php/revistadebates/article/view/6524/5838>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

SILVA, Lucilene Ferreira da. Cultura da infância, música tradicional da infância. Revista A Música do Brasil e do mundo. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Desktop/MUSICALIZACAO/Lucilene_Silva.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2023.

SILVA, Lucilene. Entrevista concedida por Lucilene Silva. Entrevista realizada em janeiro de 2023, 31 jan. 2023.

